

Dossiê

Transmissão intergeracional e revitalização linguística

Cristine Gorski Severo 

RESUMO

Este artigo explora o papel da transmissão intergeracional nas políticas linguísticas, com enfoque na revitalização linguística. Para tanto, são considerados três níveis analítico-descritivos: um acadêmico, com uma breve revisão de artigos emblemáticos que abordam o papel da transmissão intergeracional nas políticas de manutenção linguística; um institucional, com foco nos documentos que abordam as políticas de revitalização linguística, como o Atlas das Línguas em Perigo (UNESCO); e um empírico, com registros oriundos de entrevista e análise de iniciativas comunitárias e institucionais mobilizadas por duas comunidades linguísticas minorizadas, uma referente à língua pomerana e outra à língua iídiche – a escolha por essas duas comunidades tão díspares entre si se justifica por se tratar de representações contrastantes no Brasil envolvendo a transmissão linguística geracional. O artigo expande o conceito de transmissão ao: (i) destacar os trabalhos emblemáticos de Joshua Fishman sobre transmissão intergeracional e reversão da substituição linguística nas políticas linguísticas; (ii) tensionar alguns sentidos institucionalizados de transmissão e revitalização a partir da experiência de sujeitos participantes; e (iii) ressaltar o papel da educação bilíngue e do turismo étnico na ressignificação dos valores simbólicos das línguas minorizadas e do processo de transmissão intergeracional. Por fim, constata-se que a quebra de transmissão intergeracional familiar tem sido substituída por iniciativas educacionais, culturais e identitárias criativas, agentivas e colaborativas, em tensão e diálogo com movimentos globalizantes e mercadológicos.

PALAVRAS-CHAVE: *transmissão intergeracional; línguas minorizadas; revitalização linguística; educação bilíngue; valorização cultural.*

Recebido em: 28/08/2024

Aceito em: 03/12/2024

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguagem

Dr. Ebal Bolacio
Dr. Paul Voerkel
Editores convidados

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
E-mail: crisgorski@gmail.com

Como citar:

SEVERO, Cristine Gorski. Transmissão intergeracional e revitalização linguística. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 66, e64442, jan.-abr. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i66.64442.pt>

Introdução

A transmissão intergeracional é considerada um dos pilares das práticas de manutenção linguística, operando como um sinal importante de vitalidade linguística das comunidades (UNESCO, 2003, 2010, 2011; Fishman, 1990, 2001). Uma língua é tida como “em perigo”, quando os/as falantes e as comunidades param de usá-la, especialmente em situações de quebra de transmissão intergeracional (UNESCO, 2003, 2010, 2011). Em termos estatísticos, segundo a UNESCO (2003), cerca de 97% das pessoas no mundo falam apenas 4% das línguas, o que significa que grande parte das línguas do mundo estaria passando por um processo de perigo de extinção. Soma-se a isso o dado de que 40% das pessoas no mundo não têm acesso à escolarização em sua língua materna (UNESCO, 2011), a despeito das campanhas das agências internacionais em prol do direito à educação em língua materna desde os anos 1950, com o documento *The use of the vernacular languages in education* (UNESCO, 1953). Em termos numéricos, das 8324 línguas existentes, 7000 ainda seriam faladas¹. Dados do SIL (Summer Instituto of Linguistics) revelam que 25% da população mundial enfrenta algum tipo de exclusão devido a barreiras linguísticas (sil.org).

Embora essas estatísticas e avaliações possam ser problematizadas à luz das experiências e percepções de diferentes comunidades linguísticas sobre o que significa extinção, desaparecimento e vitalidade (Oliveira; Sagica; Severo, 2024), os dados da UNESCO e do SIL sinalizam para um diagnóstico delicado sobre a situação atual da diversidade linguística em face dos desafios da globalização, das migrações intensas, das tecnologias (Fishman, 2001), e do avanço da política cultural, educacional e linguística de cunho neoliberal nos tempos contemporâneos (Severo, 2024). Por línguas, comunidades e sujeitos minorizados, entende-se aqueles que são “forçados a gastar quase todos os seus recursos na gestão de danos, ou seja, para simplesmente sobreviver em uma realidade que não foi criada por si e que não está sob sua capacidade de influenciar.”² (Fishman, 1990, P. 31). Trata-se, portanto, de um conceito que sinaliza para as relações de poder que minorizam esses sujeitos, grupos e línguas.

Os conceitos de vitalidade (*vitality*) e risco (*endangerment*) aplicados às línguas têm sido cunhados tanto pelas instituições internacionais como por pesquisas acadêmicas. Contudo, elas também são problematizadas, conforme a crítica de Makoni (2012) sobre a redução das línguas a uma concepção naturalista e objetificante³:

Os discursos de ameaça às línguas são oriundos de um discurso ecológico que pressupõe que, assim como se espera que a perda de espécies tenha efeitos adversos, a perda das línguas também terá efeitos adversos. No entanto, não está óbvio como a perda linguística

¹Dados disponíveis no Atlas das Línguas do Mundo, disponível em: <https://en.wal.unesco.org/world-atlas-languages>. Acesso: 04 mar. 2025.

²No original: “The social meaning of being a minority is that one is forced to spend almost all of one’s resources on damage control, i.e. on merely staying alive within a reality that is not of one’s own making and not even under one’s own substantial ability to”.

³Exemplo deste discurso naturalista é a aproximação que a Unesco (2003, p. 6) faz entre diversidade linguística e diversidade ecológica, a partir de uma visão antropocêntrica de diversidade e de língua: “Conservation biology needs to be supplemented by conservation linguistics. Researchers are exploring not just the parallels but the links between the world’s biodiversity and linguistic/cultural diversity, as well as the causes and consequences of diversity loss at all levels. This connection is significant in itself, because it suggests that the diversity of life is made up of diversity in nature, culture and language.”

necessariamente terá efeitos negativos, pois as línguas são espécies culturais e não espécies naturais⁴. (Makoni, 2012, p. 7)

Segundo a UNESCO (2003), a vitalidade linguística dependeria de seis fatores principais: transmissão linguística intergeracional, número total de falantes, proporção de falantes dentro da comunidade, mudanças nos domínios de uso, respostas aos novos domínios e à mídia, e disponibilidade de materiais para o ensino da língua e o letramento. Neste artigo, enfocaremos o primeiro fator, a partir de três níveis analítico-descritivos: as pesquisas acadêmicas sobre o assunto, as definições e usos político-institucionais e as percepções empíricas dos falantes de dois grupos linguísticos considerados minoritários.

Sobre o conceito de transmissão intergeracional, proponho aliar os estudos da sociologia das gerações (Tomizaki 2010; Weller, 2010) e da psicologia relacional-familiar (Lisboa; Féres-Carneiro; Jablonski, 2007) aos trabalhos de políticas linguísticas. De forma geral, a transmissão é um mecanismo de “travessia de uma geração à seguinte de legados, rituais e tradições, a qual pode ser consciente ou inconsciente” (Lisboa; Féres-Carneiro; Jablonski, 2007, p. 52). Geralmente, a transmissão cultural ocorre, em grande medida, por processos inconscientes (Lisboa; Féres-Carneiro; Jablonski, 2007). A transmissão se vincula fortemente, embora não unicamente, ao contexto familiar, uma vez que “os rituais familiares são processos vitais, garantindo formas de expressão e de comunicação dos afetos, das lembranças e da história propriamente dita através das gerações” (Lisboa; Féres-Carneiro; Jablonski, 2007, p. 54). Entendemos que a família desempenha papel central na transmissão linguística, especialmente devido a sua atuação nos processos iniciais de aquisição da língua materna: “É na família que um vínculo peculiar com a língua e as atividades linguísticas (conversas, jogos, histórias, canções, provérbios e expressões, emoção verbalizada, ritual verbal e brincadeiras verbais) é cultivado, compartilhado e moldado na forma de identidade pessoal e social” (Fishman, 1990, p. 29)⁵. Por isso, os significados de família e a relação família-escola são relevantes. Destaca-se, também, o papel dos laços mais amplos, como a identidade de grupo, a escola e a comunidade. Os sentidos de tradição e de pertencimento interferem no processo de transmissão intergeracional, seja na esfera familiar, cultural ou social. O pertencimento é uma construção simbólica e afetiva: o sentimento de pertencimento a um grupo “não significa apenas aderir aos valores que lhes são próprios, mas, sobretudo, ser capaz de perceber o mundo e de se entender no mundo com os instrumentos e as nuances próprias a esse grupo” (Tomizaki, 2010, p. 334).

Registre-se que as transmissões geracionais não são lineares e transparentes, mas são afetadas por mudanças sociais, culturais, familiares e econômicas, o que afeta o modo e a importância da passagem de valores simbólicos entre gerações. Por exemplo, Mannheim (cf. Tomizaki, 2010) elenca 5 elementos que influenciam as mudanças: entrada

⁴No original: “The language endangerment discourses are drawn from an ecological discourse that assumes that since the loss of species is expected to have adverse effects, the loss of language will have adverse effects as well. Yet it is not obvious how loss of languages will necessarily have negative effects since languages are cultural and not natural species. In essence, the loss of languages should not have the same adverse effects as the loss of species”.

⁵No original: “it is in the family that a peculiar bond with language and language activities (conversation, games, stories, songs, proverbs and felicitous expressions, verbalised emotion, verbal ritual and verbal play) is fostered, shared and fashioned into personal and social identity.”

de novos agentes, a saída de agentes antigos, a conexão geracional com o seu o tempo histórico, a necessidade de transmissão cultural, e a natureza dinâmica das mudanças geracionais. Destaca-se, ainda, a distinção entre posição geracional – de compartilhamento de uma dada realidade temporal e social – e conexão geracional – de “vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual” (Tomizaki, 2010, p. 214). Veremos neste artigo que mudanças geracionais afetam a transmissão familiar de línguas minorizadas, embora a transmissão comunitária e social possa ser mantida de outras maneiras.

Tendo feita essa breve explanação sobre o conceito de transmissão intergeracional, a seguir exploro três níveis analítico-descritivos: início com uma sucinta revisão da literatura sobre transmissão linguística intergeracional, com foco nos trabalhos de Joshua Fishman; em seguida discorro sobre os sentidos e papéis da transmissão intergeracional nos discursos institucionais da UNESCO; por fim, a partir de uma abordagem empírica, reflito sobre 2 exemplos de transmissão intergeracional envolvendo línguas minorizadas, o pomerano e o iídiche, destacando o papel de agentividade de sujeitos e comunidades no que tange à educação bilíngue, ao turismo étnico e a ressignificação cultural e identiária. A escolha por essas duas comunidades linguísticas se justifica por possibilitar um olhar comparado de contextos linguísticos e de imigração muito diferentes; além disso, esse olhar comparado permitirá averiguar os significados e papéis da transmissão geracional em que elementos culturais, religiosos e identitários estão fortemente presentes.

Transmissão linguística intergeracional e revisão da literatura: os trabalhos de Joshua Fishman

Joshua Fishman (1926-2015) foi um psicólogo e linguista americano, de tradição judaica, que se dedicou amplamente aos estudos da relação entre língua e sociedade, sendo considerado o criador da área de sociologia da linguagem, a partir dos anos 1960; publicou trabalhos que se tornaram emblemáticos na área de política e planejamento linguístico, totalizando em torno de 100 livros e 1000 artigos (Garcia, 2015; Severo; Gorski, 2023). Seu ativismo em prol das línguas minorizadas pode ser exemplificado por sua relação pessoal com a comunidade judaica e a preservação e manutenção da língua iídiche, no contexto americano (Garcia, 2015). Muitas teorizações e análises suas foram dedicadas a este contexto, a exemplo das obras *Yiddish in America* (Fishman, 1965) e *Yiddish: Turning to Life* (Fishman, 1991), entre outros trabalhos. Fishman se dedicou a pensar práticas e políticas de valorização e manutenção dessa língua, bem como de reversão da substituição linguística (reversing language shift, RSL), a exemplo dos trabalhos *What is reversing language shift and how can it succeed* (Fishman, 1990) e *Can languages be saved?* (Fishman, 2001). Nesta seção, enfocamos essas duas obras, pela atenção que conferem ao papel da transmissão intergeracional na manutenção linguística e na reversão da substituição linguística.

Fishman (1990) descreveu e analisou o fenômeno de reversão da substituição linguística em um cenário acadêmico que pouco tematizou essa questão, ficando essa tarefa muitas vezes a cargo de iniciativas de grupos e sujeitos em prol de suas línguas minorizadas. As motivações em torno de ações de reversão variam, podendo ser de cunho etnolinguístico, que valorizam e “resgatam” identidades culturais e étnicas, ou de atualização e mudança de identidade linguística, a exemplo de práticas de instrumentalização das línguas, com a inscrição institucional de sistemas de escrita em línguas orais e de linguagem técnica. Os ativismos linguísticos em prol da reversão da substituição linguística por vezes são vistos de forma negativa, com a ideia de que o resgate de uma língua ou cultura seria conservador, resistente a mudanças e retrógrado (orientado para o passado). Diferentemente, para Fishman (1990), esses ativismos “não são defensores de um passado místico e mítico; na verdade, eles são ‘agentes de mudança em nome da persistência’”⁶ (p. 11). Essa força de persistência tem relação com a continuidade e transmissão de símbolos, valores e crenças – sendo a língua um desses símbolos principais (Fishman, 1990) –, o que ocorre por meio da transmissão intergeracional. Assim, a relação entre tradição e inovação, passado e presente, repetição e novidade, persistência e mudança, autenticidade e mistura, entre outras, não é dicotômica e excludente, mas dialógica, e perpassa os movimentos de revitalização linguística e reversão da substituição linguística.

Fishman (1990) propõe uma análise que seja capaz de “alcançar e reforçar o vínculo intergeracional”⁷ (p. 17), dividida em oito etapas (escala graduada de interrupção intergeracional, *The Graded Intergenerational Disruption Scale*): (i) estimular a aprendizagem da língua pelos adultos, especialmente quando a maioria dos falantes é idosa ou socialmente isolada; em caso de desaparecimento linguístico, a língua a ser revitalizada pode ser uma variedade daquela que foi extinta; (ii) criar uma comunidade integrada de falantes da língua; (iii) incentivar o uso informal da língua em todas as faixas de idade, seja em espaços públicos ou privados, bem como a criação de instituições e associações em que a língua seja incentivada e usada exclusivamente; (iv) em contextos de uso oral ampliado, incentivar o ensino da escrita da língua, sem que isso dependa unicamente do sistema escolar vigente; (v) estimular, se possível, o ensino da língua na esfera escolar pública; (vi) tendo alcançado os itens acima, estimular o uso da língua no ambiente do trabalho; (vii) tendo alcançado os itens acima, estimular o uso da língua no governo e nas mídias locais; (viii) e tendo alcançado os itens acima, incentivar o uso da língua no ensino superior e nas instituições governamentais mais amplas.

De forma geral, para Fishman, é possível planejar o processo de reversão da substituição linguística, especialmente com foco no papel da transmissão intergeracional: “Um planejamento de status adequado da reversão da substituição linguística (RLS) só pode ocorrer se o vínculo social entre as gerações for mantido constantemente em

⁶No original: “But in reality, RLSers are not merely not defenders of some mystical, mythical and bygone past; they are actually ‘change-agents on behalf of persistence’”. Todas as traduções são livres.

⁷No original: “reach into and reinforce the intergenerational link”.

mente”⁸. Isso porque é “a realização dessa transmissibilidade, e não a modernidade e o glamour dos meios empregados, que caracteriza um bom investimento de tempo e esforço em RLS”⁹. Nesse contexto, a família torna-se o fundamento primeiro da transmissão, uma vez que ela circunscreve as primeiras manifestações linguísticas das crianças e, portanto, se torna uma instância relevante para se pensar as políticas linguísticas em torno da(s) língua(s) materna(s): “Falantes de línguas minoritárias geralmente aprendem essa língua como Língua Materna (L1) em casa, com os pais, normalmente utilizando-a no dia-a-dia da família e, em vários casos, da comunidade” (Mozzillo; Pupp Spinassé, 2020, p. 1299). Família e comunidade, portanto, se tornam espaços locais importantes de construção de laços e de compromissos sociais mediados pela linguagem. Contudo, nessa abordagem, qualquer ação planejada de política linguística só terá sucesso se a socialização na língua existir como uma condição/vontade/crença previamente compartilhada.

Dez anos após a publicação de *What is reversing language shift and how can it succeed* (Fishman, 1990), Fishman (2001) propõe uma revisão teórico-metodológica e analítica do modelo e das reflexões sobre a reversão da substituição linguística (*reversing language shift, RLS*). O autor reforça os desafios e dificuldades que o campo enfrenta, seja na esfera institucional, seja na esfera familiar ou comunitária. Muitos desses desafios emergem do contexto mais amplo, como a globalização e a expansão e imposição de um modelo cultural e linguístico hegemônico, centrado em uma cultura pan-ocidental (Fishman, 2001). Embora critique o papel homogeneizador da globalização, Fishman não defende uma valorização cultural orientada por modelos ideológicos essencialistas e xenófobos do romantismo alemão dos séculos XVIII e XIX. Diferentemente, localiza o ativismo RLS em um contexto democrático da diversidade cultural, dos direitos de grupos minorizados e do direito à autodeterminação e autonomia de grupos e comunidades. Na obra *Can languages be saved?* (Fishman, 2001), por exemplo, são apresentados 18 estudos de caso baseados em iniciativas locais, institucionais, comunitárias, familiares e individuais de reversão da substituição linguística, em face de relações que tencionam a hegemonia de grupos, línguas e modelos culturais variados, em diferentes contextos: americanos, europeus, africanos, asiáticos e do pacífico. Assim, os valores e crenças que orientam muitos desses movimentos são a responsabilidade cultural e étnica, em diálogo com uma história perpassada geracionalmente (Fishman, 2001).

Os desafios que a política e a prática de reversão da substituição linguística enfrentam são diversos e envolvem, sobretudo, a dimensão ideológica e valorativa que mobiliza os usos das línguas minorizadas. Para Fishman (2001), essa dimensão valorativa implica um equilíbrio entre (i) a definição das fronteiras funcionais dos usos linguísticos, em atenção aos diferentes domínios sociais de uso das línguas; e (ii) o reconhecimento das prioridades envolvidas na RLS, atentando para as ações, propostas e iniciativas a serem feitas, bem como para o momento de

⁸No original: “Appropriate RLS-status planning can only occur if the societal link between generations is constantly kept in mind”.

⁹No original: “It is the achievement of that transmissibility, rather than the modernity and glamour of the means employed, that characterises a good investment of RLS time and effort.”

atuação e os agentes envolvidos. Registre-se que as fronteiras funcionais das línguas tendem a ser mais compartimentalizadas em relação às línguas minorizadas do que às línguas majoritárias; estas, devido ao poder que carregam, tendem a extrapolar as fronteiras funcionais, o que, por tabela, ameaça o uso das línguas minorizadas em seus poucos contextos de uso. Diante disso, para Fishman, os ativistas linguísticos devem estar atentos ao “contexto mais amplo da mudança social [...] para encontrar possíveis novos recursos e oportunidades¹⁰” (Fishman, 2001, p. 12).

Sobre as funções sociais da língua, Fishman (2001) as agrupa entre aquelas que carregam poder simbólico (trabalho, mídia de massa, governo, ensino superior, entre outros) e aquelas que são corriqueiras e menos prestigiadas (usos na vizinhança e familiar, esfera doméstica e privada, educação pré-escolar, entre outros). O processo de reversão passaria por uma redistribuição das funções sociais das línguas, de forma que as línguas ameaçadas começassem a assumir poder simbólico, através, por exemplo, de seu uso e valorização, inicialmente, em contextos locais de trabalho e educação fundamental/básica. Assim, dois elementos que ameaçariam a língua seriam: um micro, de quebra da transmissão devido à associação da língua a contextos simbólicos pouco valorizados e de pouco ou nenhum poder; outro macro, de restrição do uso dessas línguas nos espaços institucionais que, geralmente, estão sob a gestão de falantes das línguas poderosas. A política de reversão atuaria nas duas frentes, micro e macro, de forma dialógica.

Considerando que o poder simbólico está atrelado a uma valoração social, é importante que as avaliações e ideologias sobre as línguas sejam compreendidas. A reversão da alteração linguística passa, sobretudo, pela dimensão simbólica, o que pode incluir a ressignificação dos usos linguísticos minorizados. No caso de uma quebra geracional, Fishman (2001) recomenda que as iniciativas passem pelo ensino da língua minorizada como L2 (segunda língua) aos pais e que estes possam repassar essa língua como LM (língua materna) aos filhos, estreitando a relação escola-família. O aspecto educacional desempenha papel central nas políticas de reversão da substituição linguística (Fishman, 2001). Esse aspecto compreende alguns elementos, como: a educação bilíngue (acessível a todos), o ensino em língua materna, a preparação de materiais pedagógicos, a formação de professores, a gestão escolar, a relação escola-comunidade-família, as ideologias linguísticas e o papel do letramento e das práticas de escrita e o papel de agentes não-governamentais na esfera educacional.

Tendo feita essa breve revisão do papel da transmissão linguística intergeracional, a partir dos trabalhos teóricos e analíticos de Joshua Fishman (1990, 2001), a seguir atentamos para os discursos institucionais e internacionais de revitalização linguística, a partir da UNESCO como referência.

¹⁰ No original: “The surrounding larger context of social change must always be examined and exploited by RLSers in order to find possible new resources and opportunities”.

Transmissão intergeracional e os discursos institucionais: UNESCO

Nesta seção, exploro os discursos da UNESCO sobre o papel da transmissão linguística intergeracional nos processos de revitalização linguística, especialmente em contextos de línguas consideradas em perigo. A escolha da UNESCO se justifica, pois ela tem operado um papel relevante nas políticas linguísticas de grupos minorizados, a partir dos direitos humanos como referência constitucional (Severo, 2020) e das políticas educacionais. Os direitos linguísticos são parte dos direitos humanos (Abreu, 2020) e, portanto, são garantidos – direta ou indiretamente – pelo ordenamento brasileiro.

Segundo o documento da UNESCO intitulado vitalidade linguística e línguas em perigo (*Language Vitality and Endangerment*) – redigido por “especialistas internacionais” da UNESCO a partir de encontros feitos em Paris, 2003, e em Kyoto, em 2002 –, uma língua está em perigo quando está em processo de extinção, o que significa que os falantes param de usar a língua e/ou que ela deixa de ser transmitida geracionalmente. Ainda segundo o documento, a estimativa é de que 90% das línguas faladas no mundo sejam substituídas pelas línguas dominantes até o final do século XXI. Os efeitos da perda linguística incluiriam também perdas de conhecimentos culturais, históricos e ambientais, atrelados a modos de saber e de viver de diferentes comunidades minorizadas. E o processo de revitalização passaria pelo envolvimento tanto das comunidades falantes das línguas, como dos especialistas (linguistas, ativistas e educadores), os quais se voltariam para as ações de documentação e ensino das línguas. O documento (UNESCO, 2003) salienta, ainda, cinco iniciativas envolvidas na revitalização: (i) formação pedagógica e linguística na língua; (ii) documentação da língua e inscrição do letramento na língua; (iii) desenvolvimento de políticas linguísticas nacionais; (iv) desenvolvimento de políticas linguísticas educacionais; (v) e desenvolvimento de melhores condições de vida para falantes de línguas minoritárias, em atenção aos direitos humanos. Ressalta-se que a dimensão educacional perpassa todas essas iniciativas.

Mais especificamente sobre o papel da transmissão intergeracional, o documento (UNESCO, 2003) a identifica como um dentre os seis fatores envolvidos na avaliação da vitalidade linguística e do grau de perigo das línguas. Os demais fatores seriam: quantidade absoluta de falantes, proporção de falantes dentro da comunidade, alterações dos domínios de uso linguístico, respostas aos novos domínios e à mídia, e existência de materiais para o ensino da língua e a alfabetização. A transmissão intergeracional é um dos fatores mais comuns e típicos usados para avaliar a situação de vitalidade das línguas. A vitalidade pode ser enquadrada em um contínuo entre estabilidade e extinção, cujos níveis são descritos a seguir (UNESCO, 2003):

1. Seguro: quando a língua é falada por todas as gerações, com uma transmissão permanente.
2. Estável, mas ameaçada: quando a língua é falada em quase todos os contextos e por todas as gerações, com transmissão permanente, sendo que o multilinguismo envolvendo a relação da língua nativa com a/as língua/as dominante/es ocorre em alguns contextos comunicativos.
3. Insegura: Embora grande parte das crianças e famílias da comunidade fale a língua nativa, ela fica restrita a alguns domínios específicos, como a casa e o ambiente familiar de interação entre pais, avós e filhos.
4. Definitivamente em perigo: quando a língua não é mais aprendida pelas crianças em casa, sendo os falantes mais jovens aqueles da geração dos pais. Pode ocorrer de os pais usarem as línguas com seus filhos, mas estes não respondem com a mesma língua.
5. Severamente em perigo: quando a língua é falada apenas pela geração dos avós e as gerações mais velhas, sendo entendida pela geração dos pais, mas nem sempre usada com os filhos.
6. Criticamente em perigo: os falantes pertencem à geração de bisavós e a língua não é mais usada em interações rotineiras. Esses idosos podem se lembrar de alguns elementos da língua, mas não a usam mais, pois não há com quem interagir.
7. Extinta: não há mais ninguém que fale ou se lembre da língua.

A partir de um detalhamento de cada um dos seis fatores envolvidos na vitalidade linguística, sendo a transmissão intergeracional um deles, o documento (UNESCO, 2003) elenca, por fim, os seguintes nove elementos a serem considerados para a avaliação da situação linguística da comunidade, bem como das iniciativas necessárias para uma política de manutenção e revitalização linguística, cada qual com uma escola interna de avaliação:

- a. transmissão intergeracional;
- b. número de falantes total;
- c. proporção de falantes na população;
- d. alterações nos domínios de uso linguístico;
- e. resposta a novos domínio e mídias;
- f. materiais de ensino e alfabetização da língua;
- g. atitudes e políticas oficiais em relação à língua;
- h. atitudes dos membros da comunidade sobre a própria língua;
- i. tipo de documentação da língua e a sua qualidade.

Ainda sobre a transmissão intergeracional, importante salientar a dimensão valorativa da língua, o que inclui as crenças e atitudes dos falantes em relação aos usos linguísticos. As atitudes linguísticas

envolvem alguns elementos, tais como (Cooper; Fishman, 1974, 2023): atitudes em relação à língua, a algum elemento da língua, ao uso da língua, ou à língua como marcador identitário. Outros elementos incluem a relação entre língua e cultura, língua e mercado/economia e língua e política. As valorações envolvem também componentes afetivos, como as emoções dos falantes em relação às línguas minoritárias. Ressalta-se, ainda, que as atitudes e crenças linguísticas variam entre as comunidades, os falantes e os domínios envolvidos. A importância da dimensão simbólica da língua para a transmissão intergeracional é ressaltada pela UNESCO (2003), quando discorre sobre algumas causas de desaparecimento das línguas indígenas:

Muitos povos indígenas, ao associar a sua posição social desfavorecida com a sua cultura, passaram a acreditar que não vale a pena preservar suas línguas. Eles abandonam suas línguas e culturas na esperança de superar a discriminação, garantir um meio de vida e melhorar a mobilidade social ou ser inseridos no mercado global¹¹. (UNESCO, 2003, p. 2).

¹¹ No original: "Many indigenous peoples, associating their disadvantaged social position with their culture, have come to believe that their languages are not worth retaining. They abandon their languages and cultures in hopes of overcoming discrimination, to secure a livelihood and enhance social mobility or to assimilate to the global marketplace."

Entendemos, contudo, que os conceitos de transmissão intergeracional, de vitalidade e de extinção linguística devem ser contextualizados e levar em conta a percepção e valoração das comunidades. Por exemplo, há comunidades e ativistas indígenas no Brasil que consideram que suas línguas não estão extintas ou desaparecidas, mas "adormecidas", o que implica também um sentido mais ampliado de comunicação, como as ideias de comunicação cósmica com os antepassados e de reciprocidade (Oliveira; Sagica; Severo, 2024; Meirelles; Rubim; Bomfim, 2022).

Por fim, ressaltamos o papel da esfera educacional no diagnóstico dos graus de vitalidade e de perigo das línguas, bem como nas iniciativas de sua revitalização: em diálogo com os princípios de Declaração Universal de Diversidade Cultural, o Atlas recomenda que o Estado, juntamente com as comunidades, tomem medidas que: i) apoiem e incentivem a difusão da diversidade linguística; ii) incentivem e fomentem uma educação linguística diversificada e em todos os níveis; iii) incorpore pedagogias de educação tradicional nas escolas, em atenção aos métodos de ensino e de transmissão de saberes e de línguas; além disso, que fomente a difusão das línguas no ciberespaço (UNESCO, 2003).

Tendo feito essa explanação sobre os discursos da UNESCO referentes ao papel da transmissão intergeracional no diagnóstico da vitalidade linguística e de reversão da situação de perda linguística, com atenção especial à esfera educacional, a seguir exploro dois casos empíricos, nos quais a comunidade e os sujeitos criaram modos alternativos de revitalização, expandindo o papel da transmissão intergeracional para outros agentes sociais e institucionais. Trata-se, com isso, de repensar o papel da transmissão intergeracional, em atenção a dois contextos interligados: educacional e cultural.

Transmissão geracional e dados empíricos: línguas pomerana e iídiche

Nesta seção, compartilho relatos empíricos oriundos de pesquisa e entrevistas sobre iniciativas políticas, culturais, turísticas e/ou educacionais de duas línguas minorizadas no Brasil, a partir de dois contextos muito diferentes: O pomerano na cidade catarinense de Pomerode, considerada uma rota turística do chamado “Vale europeu catarinense”; e o iídiche, uma língua de tradição judaica, utilizada como signo de identidade cultural, religiosa e histórica. A escolha por duas comunidades linguísticas tão díspares se justifica pelo interesse em analisar comparativamente o papel da transmissão geracional na manutenção e revitalização linguísticas no cenário sociolinguístico brasileiro, especialmente em contextos nos quais a dimensão cultural e afetiva é fortemente presente. As pesquisas e contatos com as pessoas entrevistadas surgiram a partir de dois projetos que se encontram em fase inicial:

(i) *Sobre as heranças linguísticas alemãs na região da Grande Florianópolis.*

A pesquisa de campo para este artigo foi realizada na cidade de Pomerode, entre os dias 12 e 16 de agosto, e contou com anotações de campo, levantamento da paisagem linguística e realização de duas entrevistas não-estruturadas: a) com uma professora da secretaria de educação, responsável pela educação bilíngue português-alemão¹²; b) com um morador local, que atua no ramo do turismo cultural, nascido na cidade, falante de pomerano como língua materna em contexto familiar e amplo defensor da cultura pomerana. Ambos os entrevistados, entre 50-60 anos, são nascidos e crescidos na cidade, são netos e filhos de pessoas locais, aprenderam a língua pomerana por transmissão geracional, têm vínculos familiares na cidade e são casados com pessoas locais e falantes da língua pomerana. Por questões de sigilo, os seguintes pseudônimos são usados: Davi e Laura. A escolha desses nomes se justifica por serem os dois nomes mais registrados na cidade em 2023.

(ii) *Divulgação dos trabalhos de Joshua Fishman em língua portuguesa (Projeto 202313867, Sigpex/UFSC)*¹³. Como sabemos, o iídiche foi uma língua amplamente estudada, defendida e valorizada no decorrer da histórica acadêmica e ativista de Joshua Fishman, um sociolinguista americano de origem judaica. Para este artigo, a pesquisa envolvendo o iídiche enfocou três aspectos: música, ensino da língua e organização associativa.

A seguir, discorro sucintamente sobre a situação de ambas as línguas no Brasil, atentando para práticas e discursos envolvendo transmissão intergeracional e (re)vitalização linguística a partir de três elementos: i) a quebra geracional de transmissão; ii) a relação entre turismo, cultura, etnicidade e língua; iii) a relação entre educação e línguas minorizadas. Defende-se que a quebra geracional de transmissão linguística no

¹² Um desdobramento desta entrevista foi a realização da roda de conversa “Línguas alemãs no Brasil: iniciativas de revitalização e valorização”, em 03 de outubro de 2024. Trata-se de iniciativa vinculada ao Projeto de Pesquisa Oralidades, Multilinguismos e Letramentos Políticos: Diálogos com a Educação (CNPq; processo 423561/2021-9). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WNAfCBLf_w&t=4630s. Acesso em 02 dez. 2024.

¹³ Maiores detalhes, em: <https://politicasinguisticas.ufsc.br/>.

contexto familiar tem sido compensada por outras iniciativas mais amplas, a exemplo do envolvimento de sujeitos e iniciativas institucionais não-governamentais na (re)vitalização e (re)invenção do papel, lugar e significado das línguas minorizadas, em diálogo e em resposta aos processos de globalização, migração e comodificação. Veremos como comunidades tão díspares – em termos de cultura, religião, localização geográfica e origens – promovem e valorizam suas práticas linguísticas através da transmissão geracional.

Sobre o pomerano

Desde 2017, a língua pomerana tem status cooficial no município de Pomerode, localizado em Santa Catarina. A origem da localidade vincula-se à imigração de pessoas oriundas da região da Pomerânia (Alemanha), no segundo quarto do século XIX (Fritzen, 2005). Sobre a política oficial envolvendo a língua pomerana no município, destacamos o artigo 2 da Lei nº 2.907 de 23 de maio de 2017¹⁴, que discorre sobre a cooficialização da língua no município. Atente-se para a articulação feita entre língua e cultura pomeranas no documento:

¹⁴ Conforme Lei nº 2.907, de 23 de maio de 2017. Disponível em:

- I - Valorizar a herança linguística e cultural como forma de salvaguardar o patrimônio imaterial e material do povo tradicional Pomerano, como base de identidade e cidadania;
- II - Promover o conhecimento, a fala da língua e a escrita da Língua Pomerana, especialmente nas famílias descendentes de imigrantes Pomeranos e com as novas gerações, por meio de ações de cunho social e educação informal;
- III - Por meio da cultura Pomerana, caracterizar a identidade da comunidade e promover turismo sustentável;
- IV - Criar concursos de literatura, genealogia e sabedoria popular na Língua Pomerana ou bilíngue - Língua Portuguesa e Pomerana;
- V - Possibilitar a criação de Banco de Dados sobre a Cultura Pomerana ou bilíngue do município composto de genealogia, imagens, documentos históricos, linguística, sabedoria popular, entre outros;
- VI - Inventariar a demografia e aspectos culturais do povo Tradicional Pomerano do município;
- VII - Por meio da língua Pomerana incentivar os saberes tradicionais como música, canto, teatro, danças, gastronomia, jogos, entre outros;
- VIII - Comemorar a Cultura Pomerana na semana alusiva ao aniversário do Município;
- XIX - Disponibilizar, sempre que possível, serviço de atendimento ao público nos órgãos da Administração Municipal Direta e Indireta na língua Pomerana, principalmente para os cidadãos que não tiverem o pleno domínio na compreensão da língua portuguesa.
- XX - Produzir a documentação pública, as campanhas publicitárias, institucionais, as placas indicativas de vias públicas, praças e prédios públicos e as comemorações de interesse público, na língua oficial e co-oficializada.

Destacamos a seguir alguns elementos elencados na lei: a nomeação da língua e os aspectos educacional e cultural.

Sobre a nomeação da língua alemã como “língua pomerana”, trata-se de uma escolha político-legislativa do município, conforme se percebe na lei acima. Contudo, é possível identificar em Pomerode uma série de designações para a língua alemã. Por exemplo, conforme Emmel (2005), a língua alemã falada pelos imigrantes pomeranos no município era o Platt, considerada uma das variedades do Niederdeutsch. Já um levantamento recente das línguas alemãs feito por Hinghaus (2024), com 310 sujeitos, ilustra a existência de outras nomeações, como *Hochdeutsch*, *Hunsrückisch* e *Kaffeepflückersch*, além do pomerano e de outras variedades e falares não nomeados pelos falantes e nem descritos pela literatura. Soma-se à diversidade de línguas alemãs faladas em Pomerode o alemão padrão (*Hochdeutsch*) ensinado nas escolas. No contexto brasileiro mais amplo, Altenhofen *et al* (2022) mapearam 14 línguas alemãs de imigração. Neste artigo, nosso foco não é a política de nomeação das línguas alemãs faladas em Pomerode, mas os significados e o papel atribuídos à transmissão geracional da língua. Assim, dada a diversidade de falares alemães em Pomerode, usaremos o rótulo “línguas alemãs” para designar esse contexto sociolinguístico de forma ampla.

Sobre a esfera educacional, o projeto de educação bilíngue português-alemão data de 2008, originado a partir de um interesse do gestor político de incentivar a valorização da cultura alemã na cidade, em que a língua seria utilizada como um desses elementos de valorização (Laura, entrevista; Maltzahn, 2018). Assim, em 2008, um projeto-piloto foi implementado na escola básica Olavo Bilac. Essa proposta bilíngue escolar foi articulada com as famílias, a exemplo da resolução no. 002/2008 do Conselho Municipal de Educação de Pomerode, que propunha como um dos critérios para a matrícula na educação bilíngue que ao menos um dos pais pudesse se comunicar em alemão com a criança em casa (Silveira, 2010). Trata-se, de certa forma, de um incentivo à transmissão linguística intergeracional, a partir da instituição escolar como mediadora dessa prática. Na sequência, em 2009, a educação bilíngue foi implantada na EBM Dr. Amadeu da Luz e, em 2018, na EEBM Prof^a Noemi Vieira de Campos Schroeder¹⁵. A educação bilíngue ocorre em horário integral ou semi-integral e contempla 4 disciplinas: *Deutsch* (língua alemã), *Mathematik* (matemática), *Sachunterricht* (estudo do meio) e *Kunst* (arte). Em 2016 formou-se a primeira turma com ensino fundamental bilíngue completo, na escola Olavo Bilac. A escola prioriza o ensino do alemão padrão, embora as/os docentes reconheçam e valorizem em suas práticas educacionais a diversidade sociolinguística do alemão falado no município.

A partir do projeto piloto, segundo Laura, a recepção das famílias e da comunidade foi positiva, o que incentivou a implantação do projeto em duas outras escolas públicas. A avaliação de Laura, que presenciou todas as etapas da educação bilíngue, é otimista e revela como a prática foi se constituindo a partir da mobilização criativa e inovadora das próprias

¹⁵ Maiores informações disponíveis no site <https://www.educapomerode.com.br/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

professoras, que também criaram e experimentaram materiais didáticos e metodologias de ensino do alemão. Evidencia-se um engajamento e envolvimento da comunidade e das professoras, bem como de apoio da secretaria de educação, através da contratação de 24 professores proficientes em alemão desde 2009. Conforme Laura, sobre a formação linguística desses professores, muitos aprenderam a língua em suas famílias por transmissão intergeracional – o chamado “alemão de casa” –, enquanto outros aprenderam na faculdade de Letras-alemão. No início do projeto, para os anos iniciais, havia pedagogos falantes do “alemão de casa”¹⁶ e também professores de alemão formados no curso de Letras-alemão. Registre-se, ainda, que grande parte desses professores é oriunda da própria comunidade e/ou tem relações familiares e afetivas na cidade. Além da educação bilíngue na esfera pública, todas as escolas públicas oferecem regularmente 1 crédito de alemão como língua estrangeira entre o 1º e 5º ano; e 2 créditos de alemão entre 6º e 9º anos.

Sobre a transmissão intergeracional, registramos, nas entrevistas com Laura e Davi, bem como com registros da pesquisa de Maltzahn (2018), uma quebra dessa transmissão em Pomerode, entre a geração de 40-50 anos e a geração de 20-30 anos. Exemplificando: Laura e Davi compartilham uma experiência linguística semelhante, em que ambos aprenderam a língua alemã de seus pais e são falantes dessa língua com seus mais velhos (relação vertical ascendente) e com seus irmãos, irmãs e amigos de infância (relação horizontal). Contudo, Laura e Davi não transmitiram essa língua para seus filhos (relação vertical descendente). O mesmo teria ocorrido com amigos e parentes seus e de seus companheiros/companheiras, da mesma geração de 40-50 anos, que não repassaram a língua para a geração de 20-30 anos. Assim, por exemplo, nos almoços de família, que agrupam de três a quatro gerações, a conversa com os pais dos entrevistados é em língua alemã. No caso de casamentos com pessoas da própria comunidade – como é o caso de Laura e Davi –, ambos falam a língua alemã com seu/sua companheiro/a, diferentemente dos casamentos daqueles com pessoas “de forma da comunidade”, em que o uso da língua portuguesa se torna dominante. Assim, uma árvore genealógica linguística de Laura revela: ela e seus 4 irmãos aprenderam alemão com seus pais e ainda falam a língua com eles; duas irmãs suas se casaram com pessoas que não falam alemão, mas elas ainda falam a língua com seus pais e irmãs; suas cinco sobrinhas estão estudando alemão na escola bilíngue e não aprenderam alemão em casa. Evidencia-se, assim, que a educação bilíngue assume o papel de transmissão geracional que foi rompido no contexto doméstico; caso semelhante se verifica com Davi e com outras famílias próximas aos entrevistados. Ocorre, neste caso, que o alemão da escola – o alemão padrão – tende a ser uma variedade diferente do “alemão de casa”.

Além da esfera escolar, o uso da língua alemã em Pomerode também ocorre em contextos religiosos, evidenciando o que Fishman

¹⁶ O alemão de casa envolve também fenômenos de empréstimo do português, a exemplo da aplicação da flexão verbal do português aos verbos ou substantivos em alemão, ou de uso de termos modernos em português (lixo, por exemplo) para termos não existentes na língua local (Laura, entrevista).

(2001) chama de compartimentalização das línguas minorizadas: por exemplo, segundo Davi, semanalmente há um culto em língua alemã na igreja luterana local, que é frequentada por sua mãe e pessoas da geração dela. Curiosamente, o filho de Davi, embora seja pastor luterano, não fala alemão, o que, novamente, evidencia a quebra intergeracional, a despeito do culto ser um contexto linguístico compartimentalizado. Na esfera do trabalho, segundo Davi, a valorização da cultura alemã na cidade – através de iniciativas políticas, institucionais e econômicas – tem ampliado o turismo. Trata-se de um exemplo do que pode ser chamado de turismo étnico, que “promove a restauração, preservação e recriação de atributos étnicos” (Grünewald, 2003, p. 147), o que passa por um resgate/reinvenção de aspectos étnicos, a exemplo dos espaços culturais da cidade (Museu Pomerode), da patrimonialização de bens culturais (Rota Enxaimel, com casas arquitetura típica tombadas pelo IPHAN), de comidas típicas com nomes em língua alemã, de festas, de vestimentas e de músicas típicas. Além disso, os nomes próprios de família também passam a carregar um valor turístico, a exemplo das várias casas de visitação, como a “Casa do Imigrante Carl Weege”.

Trata-se de enquadrar a valorização e revitalização da língua no movimento de resgate cultural, que passa, entre outras coisas, pelo turismo étnico, em que “os itens de cultura podem ser ressignificados como mercadorias” (Grünewald, 2003, p. 148), produzindo efeitos de autenticidade. Os motivos para a transmissão geracional passam a ser ressignificados, em que a língua alemã assume um valor econômico, seja pela possibilidade de trabalho em empresas alemãs, seja pelo envolvimento com o mercado do turismo. Esse movimento de mercantilização étnico-linguístico em relação à cultura alemã revela também relações de poder que ocultam e invisibilizam outras etnias: afinal, qual etnia é alvo de valorização econômico-cultural neste turismo interno ao Brasil? Ademais, no turismo étnico, o outro se torna alvo de uma objetificação turística: “os habitantes desses lugares, de acordo com a perspectiva turística, devem se promover como esse exótico, a fim de ser atrativo no mercado turístico. Devem ter sinais diacríticos a exibir, a serem consumidos nesse amplo mercado” (Grünewald, 2003, p. 144). Evidentemente, o turismo étnico traz prós e contras: se, por um lado, inscreve a língua alemã na dimensão econômica e mercantilizada dos bens culturais, correndo o risco de esvaziar seus sentidos tradicionais e culturais; por outro, mobiliza a comunidade local em movimentos de revitalização, ressignificação e reinvenção cultural e étnica, demonstrando criatividade, agentividade e reforço de laços geracionais e históricos.

Por fim, aplicando a escala de interrupção geracional de Fishman (1990) ao caso de Pomerode, teríamos o seguinte diagnóstico, estimulado pela educação bilíngue pública e pelo turismo étnico: i) novos incentivos para a aprendizagem do alemão pelos adultos, reforçando movimentos não institucionais de transmissão linguística; ii) reforço dos laços internos da comunidade falante da língua alemã; iii) incentivo para o uso informal

da língua nos espaços de socialização, pelo valor cultural e econômico que ela carrega (paisagem sonora do turismo étnico); iv e v) transmissão do sistema de escrita da língua através da escolarização local, com destaque para o papel agente, criativo e inovador de professores/as, pedagogo/as e gestores/as educacionais; vi) uso da língua em contextos de trabalho envolvendo o turismo e as empresas alemãs, com destaque o protagonismo das pessoas locais envolvidas com o turismo; vii) incentivo das secretarias de cultura e de educação para a valorização da língua e cultura alemãs, como se percebe nas bandeiras políticas da prefeitura e das pessoas candidatas a cargos políticos no município, o que é validado pela comunidade local.

Tendo feita essa breve explanação sobre a língua pomerana, atentando para os processos de transmissão geracional e valorização da língua, a seguir exploro um outro exemplo, que, diferentemente de Pomerode, não se restringe a uma localização geográfica, ao turismo étnico ou à história de colonização, mas sim a questões identitárias e religiosas.

Sobre o iídiche

O iídiche surgiu na Europa central em torno do século X é uma língua fortemente vinculada à identidade judaica. Sobre essa categoria identitária “judaica”, destaca-se a existência de subclassificações segundo aspectos geográficos, econômicos e religiosos, a exemplo dos termos judeu-americano e judeu-ashkenazita. A subclassificação religiosa agrupa três identificações (Dellapergola, 2007; Luz, 2012): i) normativo-tradicional, que agrega valores, hierarquias e ritos, típicos de uma ala ortodoxa, comum nos Estados Unidos; a ii) étnico-comunitária, que engloba associações e institutos de origem judaica, sem relação obrigatória com o judaísmo tradicional, comum em Israel, Ucrânia, Canadá, Reino Unido, Alemanha, Argentina, Brasil, México, Austrália e África do Sul; iii) e a cultural, que envolve a literatura e a filosofia judaicas, bem como a língua hebraica, comum no leste europeu. A cultura judaica é tipicamente transmitida de duas formas: geracionalmente, pela família; e educacionalmente, pelo sistema educacional judaico (Pinto, 2009). Em contextos diaspóricos, o papel da família na transmissão intergeracional foi compartilhado com a escola judaica. Decorre daí um envolvimento e interesse das comunidades judaicas pela educação judaica, conforme atesta Pinto, em relação aos desafios no cenário brasileiro: “É preciso avaliar se as escolas judaicas no Brasil, hoje, apenas atendem à demanda da cultura global, colocando inglês e matemática como disciplinas prioritárias. Em caso afirmativo, ela deixaria de ser na essência uma escola judaica” (Pinto, 2009, p. 238). Note-se que, nessas escolas, “A fluência e o domínio do hebraico é, portanto, um conhecimento indispensável para um professor” (Pinto, 2009, p. 241).

A título de exemplo sobre a situação de risco da língua iídiche no mundo (Yiddish), segundo a plataforma da UNESCO *World Atlas of Language* (Atlas linguístico mundial)¹⁷, os seguintes resultados

são apresentados: onze designações da língua conforme localização geográfica, estando quase todas elas em situação de não uso ou de extrema vulnerabilidade, conforme o registro no Quadro 1 abaixo.

Curiosamente, o ethnologue – uma enciclopédia digital das línguas do mundo, produzida pelo *Summer Institute of Linguistics*, uma associação linguística de orientação cristã – apresenta 17 resultados para a língua ídiche¹⁸. Dentre os resultados, destacamos aquele com maior vitalidade: ídiche como macrolíngua de Israel, em situação de estabilidade. Paradoxalmente, não são encontrados registros de gru-

¹⁷ Portal disponível em: <https://en.wal.unesco.org/discover/languages>. Acesso em: 26 ago. 2024.

Quadro 1. Situação de risco do ídiche no mundo.

Língua	Situação
Ídiche	Potencialmente vulnerável / língua falada
Ídiche ocidental	Definitivamente em perigo / língua falada
Ídiche oriental	Potencialmente vulnerável / língua falada
Ídiche na Suécia	Não está em uso
Ídiche oriental na Finlândia	Não está em uso
Ídiche oriental na Bélgica	Não está em uso
Ídiche oriental na Lituânia	Não está em uso
Ídiche oriental na Polônia	Não está em uso
Ídiche ocidental na Holanda	Não está em uso
Ídiche oriental na Rússia	Definitivamente em perigo
Ídiche oriental na Moldávia	Não está em uso

pos falantes de ídiche nos Estados Unidos, na França, no Canadá e na Argentina, países com as maiores comunidades judaicas do mundo.

Sobre a língua ídiche como marca de identidade, ela é um signo forte de identificação judaica, especialmente do grupo ashkenazita, que caracterizou a primeira leva de imigrantes judeus para o Brasil (Szuchman, 2012). Sobre a relação entre o ídiche e o grupo ashkenazita no contexto da imigração judaica para o Brasil, tem-se:

Os imigrantes ashkenazitas do século XX eram na sua grande maioria falantes da língua ídiche. O estabelecimento local das novas comunidades e de suas respectivas instituições sociais, culturais e religiosas calcou-se, portanto, em grande medida, no emprego do ídiche. (Goussinsky, 2012, p. 81)

Essa mesma comunidade linguística também é fortemente presente em outros lugares diaspóricos, como os Estados Unidos; contudo, o mesmo não ocorre em países europeus e em Israel (Luz, 2012; Fishman, 1991). O apagamento dos contextos norte-americano e brasileiro da língua ídiche é sintomático de uma metodologia frágil e questionável do Atlas das Línguas do Mundo.

¹⁸ Portal disponível em: <https://www.ethnologue.com/>. Acesso em: 26 ago. 2024

Em termos estruturais e simbólicos, a língua iídiche: i) apresenta elementos do alemão medieval, hebraico, eslavo, semítico, polonês e russo; ii) utiliza o alfabeto hebraico na modalidade escrita; iii) é alvo de uma valoração depreciativa no contexto europeu (Fishman, 1991); iv) está historicamente atrelada a um posicionamento político de esquerda, a exemplo do socialismo do leste europeu (Szuchman, 2012). Em termos estatísticos, a probabilidade é de haver cerca de 3 milhões de falantes de iídiche distribuídos por uma comunidade judaica global de 15 milhões (Luz, 2012). Sobre as comunidades judaicas no mundo ocidental, há comunidades de falantes de iídiche nos Estados Unidos, na França, no Canadá e na Argentina, países com as maiores comunidades judaicas do mundo. O Brasil conta com a 2ª maior comunidade da América Latina, totalizando 148.329 judeus (IBGE, 2012). A grande migração de judeus para o Brasil ocorreu entre 1890-1970 e era oriunda do leste europeu e de uma classe econômica menos favorecida, tomando residência no Rio de Janeiro e em São Paulo (Luz, 2012; Goussinsky, 2012).

Atualmente, os grupos judaicos no Brasil compreendem, além dos judeus ashkenazitas, os sefaraditas e mizrahim; todos eles compartilham alguns conflitos e opiniões diferenciadas entre si (Luz, 2012). Ocorre que, devido à projeção do grupo ashkenazita, o iídiche no Brasil se tornou uma língua símbolo do judaísmo, com valoração positiva, especialmente entre os anos de 1920-1950. Exemplos do prestígio do iídiche no Brasil incluem o uso dessa língua nas atas das reuniões da Sociedade Beneficente dos Israelitas Poloneses de São Paulo, durante a Era Vargas; e o lançamento em 1915, em Porto Alegre, do primeiro jornal de língua iídiche do Brasil intitulado *Di Mentsh'heit* (Goussinsky, 2012). Houve, assim, uma intensa divulgação e promoção do iídiche por associações e instituições judaicas, escolas judaicas, além da mídia (rádio e jornal), das artes e das expressões culturais e folclóricas. Contudo, essa fase dourada de disseminação da língua começou a estremecer a partir dos anos 1960, sendo que alguns motivos seriam a criação do Estado de Israel, com a oficialização do hebraico como língua e cultura judaica; o holocausto; e as condições precárias de sobrevivência do judaísmo russo no período de Stálin (Goussinsky, 2012). A partir disso, houve uma quebra na transmissão intergeracional no Brasil, sendo que as gerações seguintes

herdaram apenas aspectos culturais, readaptados, como alguns vocábulos, provérbios, culinária, e algumas canções. Alguns elementos do sotaque ashkenazita na liturgia hebraica são ainda visíveis na atualidade brasileira, nos círculos ortodoxos ashkenazitas e em alguns poucos ambientes também sacros, embora menos ortodoxos. (Goussinsky, 2012, p. 105).

Destaco, a seguir, duas iniciativas brasileiras levadas a cabo por membros da comunidade judaica em torno da valorização e transmissão do iídiche, uma educacional e outra cultural. Início com o Projeto “Viver

com Ídiche”, coordenado pela professora Sonia Kramer¹⁹, na PUC-RJ, com o objetivo de “revigoramento, fortalecimento e de uma volta de falar e conhecer o Ídiche” (<https://vivercomyiddish.com.br/>). O projeto também faz um apanhado das produções culturais em ídiche, oriundos de uma série de gêneros discursivos e literário, como romances, ditos, provérbios, piadas, músicas, entre outros. Essa proposta de revigoramento e transmissão da língua e cultura recebe apoio institucional de cinco associações: Associação Scholem Aleichem (RJ), Casa do Povo (SP), Biblioteca de Campinas, Midrash Centro Cultural (RJ); e Museu Judaico de São Paulo. O recorte é educacional, na medida em que se destina à transmissão da língua a crianças até 10 anos, através de uma série de gêneros, especialmente música e literatura ídiche. Interessante destacar, neste projeto, a relação com instituições americanas²⁰, revelando um alinhamento entre interesses das comunidades judaicas em dois contextos diaspóricos, Brasil e Estados Unidos. Não por acaso, os Estados Unidos são a base da maior comunidade falante de ídiche no mundo, fruto não apenas da imigração, mas de trabalhos ativistas e acadêmicos envolvidos com a revitalização, documentação e transmissão da língua. Um dos mais citados estudiosos do campo das políticas linguísticas no mundo, Joshua Fishman, desenvolveu muitas de suas reflexões teóricas em diálogo com o contexto empírico de revitalização da língua ídiche, como já foi afirmado. Além disso, o interesse do projeto da PUC pelo público infantil reforça o papel da transmissão intergeracional voltada para a primeira infância, quando há transmissão familiar da língua.

Sobre o aspecto cultural, destaco as músicas em ídiche. Segundo Goussinsky (2012), muito do legado cultural e linguístico dessa língua foi repassado intergeracionalmente de forma oral, a exemplo de cantos folclóricos, teatrais, pedagógicos e morais. Os cantos em ídiche também caracterizam a paisagem sonora de festas judaicas, como as festas de *Bicurim* (início da colheita) e *Simchat Torá* (festa que marca final e recomeço da leitura anual da Torá) (Goussinsky, 2012). Sobre a importância da transmissão intergeracional, vinculada a uma noção de família, destaca-se a canção típica ídiche *Oyfn Pripetshik*, que aborda a transmissão do alfabeto e de valores para crianças por um rabino, como na passagem a seguir: “No forno à lenha, um fogo queima, E na casa está quente. E o rabino está ensinando pequeninas crianças, o alfabeto [...] Quando vocês, crianças, sofrerem no Exílio, e estiverem exaustas, que vocês obtenham força dessas letras, Olhem para elas!”²¹ Assim, a canção desempenha um papel simbólico de construção de um sentido de comunidade e de pertencimento, sendo a língua um elemento central na construção desse sentimento. Outro exemplo artístico contemporâneo é o grupo musical Azdi (<https://www.azdi.com.br/>), composto por mulheres e homens jovens de São Paulo, que pesquisam, produzem e interpretam canções utilizando elementos linguísticos e culturais do ídiche. Essa mistura ilustra o papel das músicas e letras culturais (etnomúsicas) na construção

¹⁹ O movimento acadêmico de valorização do ídiche no Brasil pode ser exemplificado pelo vídeo produzido pela TV PUC-Rio: <https://www.youtube.com/watch?v=AejOiS4mSrK>. Acesso: 28 ago. 2024. Para maiores informações sobre o trabalho envolvendo a língua ídiche no Brasil, conferir a roda de conversa “Língua e cultura Yiddish: história e resistência”, realizada em 24 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IOExD1kzHC&t=5056s>. Acesso em 02 dez. 2024.

²⁰ Em vídeo de divulgação do projeto, a profa. Sonia Kramer narra a importância de pesquisadoras brasileiras fazerem curso de ídiche nos Estados Unidos, uma vez que não há curso de formação de professores e de língua ídiche no Brasil.

²¹ Canção, letra e tradução disponível em: https://www.letras.mus.br/avraham-fried/1467842/significado.html#google_vignette. Acesso: 27 ago. 2024.

de repertórios musicais, como elementos importantes para processos de revitalização simbólica das línguas e culturas:

A música, o canto e a dança geralmente são fundamentais para a identidade linguística dos falantes. Elas também desempenham funções essenciais para atrair novos aprendizes da língua, para documentá-la e usá-la. A música, o canto e a dança podem ser aprendidos nas escolas e por meio de aulas formais, mas elas também vivem nos domínios casa-família-bairro-comunidade que, segundo Fishman, devem permanecer no centro de qualquer esforço para reverter a mudança de idioma (RLS). (Echeverría; Sparling, 2024, p. 3)²².

Evidencia-se, assim, uma parceria entre iniciativas acadêmicas, culturais e educacionais/pedagógicas nos processos de revitalização e transmissão da língua iídiche. Gerações jovens e infantis se reconectam com o iídiche a partir da revalorização dos aspectos culturais e linguísticos, seja pela esfera escolar, seja cultural. As músicas favorecem planejamentos de aquisição linguística, tanto em termos de estrutura e vocabulário, como prosódia, estilo e representações simbólicas, seja para o público infantil nas escolas, seja para jovens e adultos interessados no repertório etnomusical.

Fechando esta seção, observamos que as duas comunidades linguísticas têm mobilizado diferentes recursos de valorização e manutenção da língua através de práticas de transmissão intergeracional: em Pomerode os interesses econômicos vinculados ao turismo étnico e ao trabalho em empresas alemãs têm influenciado fortemente o valor simbólico dessa língua na atualidade, o que se verifica pela avaliação positiva das famílias e pela atuação da gestão pública na valorização da língua; no caso do iídiche, verifica-se um empenho de falantes na revalorização identitária, cultural e religiosa, sem intervenção do poder público. Assim, enquanto a transmissão geracional em Pomerode dialoga com uma política linguística vinculada à gestão do município, conforme um princípio de territorialidade (Calvet, 2007), o caso do iídiche reverbera sentidos de tradição e de pertencimento, conforme um princípio de personalidade (Calvet, 2007).

Considerações finais

Neste artigo exploramos o papel da transmissão intergeracional nas políticas linguísticas voltadas para a revitalização linguística, em diálogo com dois contextos: educacional e cultural. Embora a transmissão intergeracional seja uma prática tipicamente familiar e um dos pilares das políticas de revitalização linguística (UNESCO), o artigo evidencia que essa transmissão intergeracional tem extrapolado a esfera familiar, a partir da mediação escolar, cultural e identitária. Novas gerações têm aprendido as línguas minorizadas de formas alternativas, criativas e agentivas. Essa reconexão com as línguas minorizadas é influenciada por alguns aspectos: a mercantilização das línguas minorizadas

²² No original: "Music, song, and dance are often central to the identity of language speakers. They also play critical roles in attracting learners to the language, documenting the language, and using it. Music, song, and dance may be learned in schools and through formal lessons, but they live in the home-family-neighborhood-community domains that Fishman argues must remain at the heart of any efforts at reversing language shift (RLS)."

como signos de autenticidade (Heller, 2010), a exemplo do turismo étnico; a intensificação de movimentos culturais anti-globalizantes, em prol da ressignificação de elementos vinculados a identidades e culturas regionais e locais (Fishman, 2001), integrando movimentos de reconstrução de narrativas de origem e pertencimento cultural para além de uma visão romântica e purista de cultura e origem; o fortalecimento de propostas educacionais e públicas bilíngues, em diálogo com interesses de comunidades pelo valor cultural, econômico e cognitivo que o conhecimento de uma segunda língua apresenta; a validação da bandeira da política linguística educacional da UNESCO de promoção do direito ao aprendizado em língua materna; o papel da UNESCO, em diálogo com os direitos humanos, de fortalecimento da diversidade linguística e cultural das comunidades e povos.

Entendemos, por fim, que qualquer política de revitalização linguística deve lidar com o conceito de transmissão linguística, expandindo os sentidos institucionais (UNESCO), a partir de uma compreensão situada, colaborativa e reflexiva de transmissão intergeracional, atentando para a agentividade, criatividade e colaboração de sujeitos, grupos, associações e comunidades, a partir de motivações educacionais, culturais, econômicas e identitárias mutuamente articuladas. A transmissão intergeracional é, de fato, um elemento central para qualquer política de revitalização linguística, especialmente porque ela dialoga com modos de convivência familiar e comunitária, modos de ensino e de transmissão de valores e saberes, e modos de pertencimento comunitário.

Referências

ABREU, Ricardo Nascimento. Direito Linguístico: olhares sobre as suas fontes. *Revista A Cor das Letras*, v. 21, n. 1, p. 155-171, 2020.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson *et al.* *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2022.

CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

COOPER, Robert; FISHMAN, Joshua. The study of language attitudes. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 3, p. 5-19, 1974.

COOPER, Robert; FISHMAN, Joshua. O estudo das atitudes linguísticas. *Fórum Linguístico*, v. 20, n. 4, p. 9833-42, 2023.

DELLAPERGOLA, Sérgio. *Jewish Identity/assimilation/continuity: Approaches to a changing reality*. Israel: Jewish People Policy Planning Institute, 2007.

ECHEVERRIA, Begoña; SPARLING, Heather. Heritage language revitalisation and music. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 45, n. 1, p. 1-8, 2024.

EMMEL, Ina. *Die kann nun nich, die is beim treppenputzen: o progressivo no alemão de Pomerode*, 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FISHMAN, Joshua. *Can threatened languages be saved? Reversing language shift, revisited: A 21st century perspective*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

FISHMAN, Joshua. What is reversing language shift (RLS) and how can it succeed? *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 11, n. 1-2, p. 5-36, 1990.

FISHMAN, Joshua. *Yiddish: Turning to Life*. New York: John Benjamins Publishing Company, 1991.

FISHMAN, Joshua. *Yiddish in America: socio-linguistic description and analysis*. Indianapolis: Indiana University, 1965.

FRITZEN, Maristela Pereira. A imigração alemã em Blumenau e a situação de bilinguismo. *Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 189-194, 2005.

GARCÍA, Ofelia. Obituary Joshua A. Fishman 1926–2015. *Journal of Sociolinguistics*, v. 19, n. 3, p. 391-399, 2015.

GOUSSINSKY, Sonia. *Era uma vez uma voz: o cantar ídiche, suas memórias e registros no Brasil*. São Paulo, 2012. Tese (Doutorado em Letras Orientais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, v. 9, n. 20, p. 141-159, 2003.

HELLER, Monica. The Commodification of Language. *Annual Review of Anthropology*, v. 39, p. 101-114, 2010.

HINGHAUS, Carolayne Loch. *Políticas linguísticas para promoção das línguas alemãs em Águas Mornas: problematizações a partir da ótica da comunidade de falantes*. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 1, p. 51-59, 2007.

LUZ, Márcio Mendes da. Yiddishkeit: a construção da identidade judaica em São Paulo. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, v. 2, p. 1-18, 2012.

MAKONI, Sinfree. Language and human rights discourses in Africa: Lessons from the African experience. *Journal of Multicultural Discourses*, v. 7, n. 1, p. 1-20, 2012.

MALTZAHN, Paulo. Língua alemã como marcador de identidade. *Pandaemonium*, v. 21, n. 33, p. 113-135, 2018.

MEIRELLES, Sâmela R.; RUBIM, Altaci; BOMFIM, Anari. Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas. *Fórum Linguístico*, v. 23, n. 2, p. 154-177, 2022.

MOZZILLO, Isabella; PUPP SPINASSÉ, Karen. Políticas linguísticas familiares em contexto de línguas minoritárias. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 4, p. 1297-1316, 2020.

OLIVEIRA, Beatriz; SAGICA, Vanessa; SEVERO, Cristine Gorski. Dos sentidos de vitalidade: revisando o Atlas das Línguas em Perigo (UNESCO) à luz de experiências indígenas. *Cadernos de Linguística*, v. 5, p. e690, 2024.

PINTO, Rabino Samy. Os desafios das escolas judaicas. In: LEWIN, H., *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 234-242.

SEVERO, Cristine Gorski; GÖRSKI, Edair. Sociologia da linguagem e sua relação com a macro e a microssociolinguística. *Fórum Linguístico*, v. 20, p. 9028-9042, 2023.

SEVERO, Cristine Gorski. Políticas Linguísticas e a Construção do Comum. In: DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; BRENNER, Ana Karine. (org.). *Direitos Linguísticos e Refúgio*. Campinas: Mercado das Letras, 2024. p. 23-30.

SEVERO, Cristine Gorski. Unesco e a educação multilíngue: revisões e problematizações. *Travessias Interativas*, v. 10, p. 295-312, 2020.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynd da. Escolas bilingues em região de imigração: o caso de Pomerode/SC. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 1, p. 41-71, 2010.

SZUCHMAN, Esther. Língua e Identidade: o Iídiche e o Hebraico no Contexto Histórico da Educação Judaica no Brasil. *Vértices*, n. 13, p. 50-72, 2012.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação & Sociedade*, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010.

UNESCO. *The use of the vernacular languages in education*. Monographs on Foundations of Education, No. 8. Paris: UNESCO, 1953.

UNESCO. Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment*. Document adopted by the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10-12 March 2003.

UNESCO. *Atlas of the World's Languages Danger*. 3. ed. Paris: UNESCO, 2010.

UNESCO. *UNESCO Project "Atlas of the World's Languages in Danger"*. Paris: UNESCO, 2011.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.

Intergenerational Transmission and Language Policy

ABSTRACT

This article explores the role of intergenerational transmission in language policies. For doing so, three analytical-descriptive tools are considered: a brief review of landmark studies addressing the role of intergenerational transmission in policies of language maintenance; a documental analysis of language revitalization policies, such as the Atlas of the World's Languages in Danger (UNESCO); and an empirical analysis of two minority languages in Brazil, Pomeranian and Yiddish - the choice for these two communities, which are so distinct from one another, is justified by their representation of contrasting experiences in Brazil related to generational language transmission. The article expands the concept of transmission by: (i) highlighting Joshua Fishman's emblematic work on intergenerational transmission and reversing language shift in language policies; (ii) problematizing some institutionalized notions of transmission and revitalization based on the empirical evidence; and (iii) underlining the role of bilingual education and ethnic tourism in re-signifying the symbolic values of minority languages and the process of intergenerational transmission. Finally, it is argued that the breakdown of intergenerational family transmission has been replaced by creative, agentive and collaborative educational, cultural and identity initiatives, in tension and dialogue with globalizing and market movements.

KEYWORDS: *Intergenerational transmission; minority languages; language revitalization; bilingual education; cultural appreciation.*